RESUMO:

O artigo examina a importância das visualidades na promoção de uma educação antirracista na infância, através da contação de histórias. Essa prática não só amplia o conhecimento e a criatividade, mas também desafia estereótipos raciais, promovendo uma visão crítica e reflexiva. A valorização da representatividade étnico-racial na literatura infantil, contribui para uma educação inclusiva e consciente desde cedo. A metodologia empregada na elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, a fim de fundamentar e fortalecer os argumentos relacionados à contação de histórias como ferramenta de influência para fomentar uma perspectiva visual antirracista na educação infantil.

Palavras-chave: antirracista; infância; contação de histórias; visualidade.

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, a contação de histórias é um elemento importante para o desenvolvimento e aprendizado da criança, tornando a leitura algo interessante e, sobretudo gerando influências em sua forma de ver o mundo. Na infância, as primeiras vivências moldam o caráter, a personalidade e a consciência. Por isto, é determinante que as crianças cresçam em um ambiente que promova o pensamento, a expressão e a experiência. Narrar contos é um método eficiente para cultivar a sensibilidade, despertar emoções e promover o autoconhecimento, ao mesmo tempo em que educa e prepara a criança para os desafios da vida.

"O homem descobriu que a história além de entreter, causava admiração e conquistava a aprovação dos ouvintes. O contar de histórias tornou-se o

centro da atenção popular pelo prazer que suas narrativas proporcionavam"

(SOUZA, BERNARDINO. 2011)

Segundo Souza, Bernardino (2011), a prática da contação de histórias sempre fascinou e influenciou emocionalmente seus espectadores, existindo desde os tempos antigos antes mesmo do surgimento da escrita, através da tradição oral. Atualmente, no âmbito da educação há a preocupação na formação de indivíduos críticos, responsáveis e engajados na sociedade, essa inquietação, começa desde a educação infantil, onde os primeiros hábitos começam a se desenvolver e as crianças interagem socialmente para construir seu aprendizado.

Neste ambiente, o acesso aos livros e a capacidade de contar histórias de maneira adequada à idade, considerando a valorização da representatividade das histórias contadas são responsabilidades do professor.

De acordo com Hall (2016, p. 59), durante séculos as "sociedades ocidentais associaram a palavra PRETO com tudo o que era escuro, mau, proibido, diabólico, perigoso e pecaminoso", além disso, o preconceito racial historicamente associou a cor da pele negra com inferioridade, ignorância e ameaça, alimentando estereótipos e discriminação.

Em consonância ao assunto supracitado, partindo do pressuposto de que o ato de contar histórias para crianças exerce grande influência quando transmitida visualmente e verbalmente, Adiche (2010) destaca que "história única cria estereótipos, e o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas é eles serem incompletos. Eles fazem uma história tornar-se a única história".

Sendo assim, a identificação dos aspectos valorativos são de suma importância na interferência da percepção da realidade, à visto disso, faz-se necessário o cuidado na escolha de literaturas que compreendam o destrave da visualidade antirracista em suas representações, haja vista que, "palavras e imagens carregam conotações não totalmente controladas por ninguém, e esses significados marginais ou submersos vem à tona e permitem que diferentes significados sejam construídos, coisas diversas sejam mostradas e ditas" (Hall, 2016, p. 211).

Essas representações são identificadas por Lippman (1972) como estereótipos. São construções simplificadas da realidade, moldadas por uma perspectiva específica que busca caracterizar o desconhecido. No contexto educacional por meio da contação de histórias, é fundamental estar alerta para os estereótipos presentes nessas narrativas.

Assim, o presente estudo, mesmo que apresente limites, tem por objetivo ampliar as informações acerca da contribuição da contação de histórias para educação infantil sob uma abordagem antirracista, buscando repostas para as seguintes indagações: como podemos entender os efeitos visuais na contação de histórias para crianças? quais foram os avanços na implementação da educação antirracista na educação infantil ao longo do tempo? de que maneira os educadores podem contribuir para promover uma visualidade antirracista por meio da contação de histórias para crianças?

Com o objetivo de responder a essas perguntas, o teor qualitativo foi escolhido para esta pesquisa de cunho teórico-empírica, dividida em três eixos norteadores: a contação de histórias na educação infantil e o impacto da afirmação visual de padrões; a evolução da educação antirracista na educação infantil; a relevância da contação de histórias para a visualidade antirracista na educação infantil.

Desta forma, reforçando o escopo de pesquisa, espera-se compreender como a análise das representações visuais em narrativas direcionadas à infância pode desempenhar um papel crucial na sensibilização, no estímulo à empatia e no fomento à valorização da diversidade étnico-racial desde a tenra idade.

O PAPEL DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A necessidade de uma educação voltada para as relações étnico-raciais surge quando práticas estereotipadas, que, ao invés de contribuírem para a promoção das relações étnico-raciais, acabavam por reforçar o racismo.

Assim, a Lei 10.639/03 e suas complementares representam um avanço significativo nas políticas públicas ao reconhecerem a importância de abordar a cultura afro-brasileira e africana desde a infância. Essa abordagem marca o reconhecimento e a necessidade de enfrentar o racismo e a discriminação racial, que anteriormente eram negados ou silenciados no contexto brasileiro.

A relevância da contação de histórias no âmbito literário é de grande importância para a concretização do artigo 26-A da Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional (LDB), que foi alterado pela obrigatoriedade introduzida pela Lei

10.639 de 2003 e posteriormente modificada pela Lei 11.645 de 2008. A transmissão de histórias por meio da oralidade representa um dos valores civilizatórios africanos que foram compartilhados ancestralmente entre os membros da comunidade.

Outro aspecto crucial na capacidade da contação de histórias, está em combater o racismo por meio da representatividade. Ao abrir um livro e encontrar histórias e personagens diversos, a criança é exposta a uma representação da sociedade, o que contribui para a formação e consolidação de sua própria identidade. A ausência de diversidade nas obras literárias limita os referenciais disponíveis para as crianças, privando-as de experiências enriquecedoras e oportunidades de identificação desde os primeiros anos de vida.

"O livro de imagem não é um mero livrinho para as crianças que não sabem ler. Segundo a experiência de vida de cada uma das perguntas que cada leitor faz as imagens, ele pode se tornar o ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência: de nós mesmos, de nosso meio, de nossa cultura e do entrelaçamento da nossa com outras culturas, no tempo e no espaço" (Camargo, 1995, p. 79)

Ao considerar a influência do ambiente educativo e dos recursos de desenvolvimento na formação das crianças, é evidente que esses elementos desempenham um papel fundamental na moldagem das perspectivas e atitudes dos futuros adultos.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E O IMPACTO DA AFIRMAÇÃO VISUAL DE PADRÕES

A afirmação visual de padrões ocorre quando as histórias contadas e as imagens apresentadas refletem padrões culturais, sociais e étnicos dominantes, muitas vezes reforçando estereótipos e preconceitos existentes na sociedade. Isso pode ocorrer pela falta de diversidade nas narrativas, pela representação estereotipada de determinados grupos étnicos ou pela ausência de personagens que fogem dos padrões tradicionais.

Para melhor esclarecimento dos impactos que a visualidade na contação de histórias produz, é de se referir de modo comparativo as obras que afirmam esses padrões e outras que contribuem com a visualidade antirracista.

A título de exemplo, o livro "O Menino Maluquinho" de Ziraldo, apresenta um menino branco como protagonista, enquanto personagens negros são secundários ou retratados de maneira estereotipada, reforçando a ideia de que a brancura é a norma e a negritude é a exceção.

As crianças, em sua busca por identificação, muitas vezes não se prendem à índole do personagem, mas sim à presença de características semelhantes às suas próprias (Nólio, 2015). Essas afirmações representadas no livro supracitado, podem internalizar na criança a ideia de que sua identidade racial não é valorizada, ao verem personagens negros retratados de maneira estereotipada ou em papéis secundários, as crianças po-

como uma estratégia eficaz para abordar a diversidade e reforçar que as lutas legais estão operantes.

2.3 O PAPEL DOS EDUCADORES NA SELEÇÃO DE NARRATIVAS E IMAGENS PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

É preponderante que os educadores estejam conscientes do impacto que a representação visual de padrões tem na contação de histórias para crianças na Educação Infantil. Eles devem se esforçar para escolher narrativas e imagens que valorizem a diversidade, incentivem a igualdade e promovam o respeito pela variedade cultural. Essa prática não apenas enriquece a experiência das crianças, mas também desempenha um papel fundamental na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e equitativa.

Sabe-se que alterar o currículo das universidades e das escolas por si só não é suficiente se os professores continuarem a ser coniventes com um sistema racista e excludente. Gomes (2003) destaca questões cruciais que demandam reflexão: que tipos de representações os professores estão promovendo e construindo em suas salas de aula? Essa construção é positiva ou está permeada por estereótipos e preconceitos? Essas representações começam a ser moldadas desde a primeira infância? É possível que o professor, ao não intervir, faça parte desse processo de discriminação racial, contribuindo para atos preconceituosos tanto dentro da sala de aula quanto nos espaços informais da escola.

O conhecimento das diversas culturas que compõem a sociedade brasileira e a valorização dos diferentes grupos étnico-raciais são caminhos essenciais que devem ser trilhados por todos aqueles genuinamente comprometidos com uma educação infantil de qualidade (TRINIDAD, 2012, p. 128 – 129).

O ambiente educacional representa o alicerce fundamental das interações humanas, proporcionando a construção de conhecimentos, experiências iniciais, identidades, subjetividades, linguagens, sentimentos e emoções. Nesse contexto, Trinidad ressalta a responsabilidade da educação infantil em educar as crianças para o respeito a si mesmas e aos outros.

De acordo com Abramovich (1999), mesmo que existam algumas escolas mais democráticas que dão ao aluno o direito de escolher entre alguns títulos, não se sabe os critérios reais utilizados para essa seleção ou o porquê de não dar ao aluno o direito de escolher o que realmente gostaria de ler.

No caso da visualidade antirracista, estimular o aluno dessa maneira seria uma excelente forma de incentivá-lo a buscar sua representatividade nos livros, no entanto, pode ocorrer que o professor não esteja familiarizado ou indisposto com esta abordagem e por comodidade recorre às obras que está habituado a mediar sem quaisquer sensibilidades quanto aos padrões raciais nelas contidas.

> Como uma única e mesma história pode interessar a toda uma classe? Como imaginar que haja uma identificação geral – de meninos e meninas – todinhos preocupados com o mesmo problema? E todos interessados num determinado gênero literário, previsto como fonte única de prazer para aquele mês do ano? (ABRAMOVICH, 1999, p. 140).

Na prática da contação de histórias, o professor desempenha o papel de mediador entre a narrativa e o aluno, fomentando a imaginação e o crescimento da capacidade cognitiva. A história se aloja nas mentes das crianças, tornando-se parte de sua imaginação criativa. No entanto, se a história contada apresentar elementos que possam prejudicar a visualidade antirracista do aluno, é responsabilidade do professor buscar alternativas para adaptar a narrativa, visando evitar estereótipos e promover uma representação mais inclusiva e respeitosa.

Destarte, os educadores têm o papel fundamental de se sensibilizar para a importância da representatividade e diversidade nas narrativas e imagens apresentadas na sala de aula. Isso implica compreender os impactos positivos de uma educação antirracista e como as escolhas de materiais podem promover essa abordagem.

Para isto, a busca pelas oportunidades de formação continuada educação antirracista e diversidade cultural voltada a literatura infantil, participação em cursos, workshops, leituras e grupos de estudo, pode potencializar sua habilidade de escolhas mais conscientes e eficazes na seleção de narrativas e imagens para uma educação antirracista.

CONCLUSÃO

Desafiar e desconstruir desde cedo as narrativas únicas que têm sido tradicionalmente contadas é um desafio crucial. A educação infantil deve assumir um papel de extrema relevância nesse processo, apesar de não ser algo novo ou fácil. No entanto, é um passo necessário para garantir uma educação justa e de qualidade para todos.

Sabe-se que o reconhecimento que a exposição das crianças a padrões estéticos e éticos não é exclusiva na contação de histórias, pois esses padrões permeiam diversos aspectos da sociedade moderna. Eles estão presentes na televisão, nos brinquedos e nas interações interpessoais cotidianas. Existe um contexto histórico significativo no qual a

narrativa das pessoas negras frequentemente é silenciada. Portanto, é pertinente que os educadores adotem uma postura reflexiva e crítica em relação às representações presentes nos materiais didáticos. Isso implica em questionar estereótipos, identificar e corrigir potenciais preconceitos, e garantir que as narrativas e imagens contribuam para uma educação antirracista e capacitadora.

Para alcançar esse objetivo, os educadores devem investir tempo e esforço na seleção de narrativas e imagens que representem de forma positiva e inclusiva a diversidade étnico-racial. Isso significa buscar materiais que apresentem protagonistas de diferentes origens étnicas e culturais, evitando estereótipos e promovendo a valorização da pluralidade.

Nesse contexto, é fundamental reconhecer o potencial dos livros de literatura como uma poderosa ferramenta afirmativa no que se refere à representatividade étnico-racial na educação. Essas obras desempenham um papel essencial ao desafiar o eurocentrismo enraizado, buscando valorizar e celebrar a diversidade de expressões estéticas, sociais e culturais.

Ao adotar a abordagem da contação de histórias como visualidade antirracista na educação infantil, promove nas crianças referências para o autodescobrimento e a valorização pessoal, bem como o vislumbre da diversidade cultural e suas intricadas interações com as dinâmicas sociais, estimulando nas crianças um sentimento de pertencimento, reconhecimento, afirmação e empoderamento. A presença de representações positivas e enriquecedoras da identidade negra nessas narrativas é imprescindível.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fany. Literatura Infantil: Gostosuras e bobices. 4ª ed., São Paulo: Scipione, 1999.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única (mimeo). Documento eletrônico. Disponível em Acesso em 27.de fev.2024.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica.. Brasília. MEC. SEB, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm . Acesso em 28 de fev.de 2024. _____. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a lei nº 9304/96, modificada pela

Lei 10.639, "para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.". Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Brasília: MEC, SEB, 2009 BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana na Educação Básica. Brasília: MEC, 2004.

CAMARGO, L. Ilustração do livro infantil. Belo Horizonte, MG: Lê. 1995.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio Apicuri, 2016.

KIUSAM, de Oliveira. Com Qual Penteado Eu Vou? São Paulo: Editora

Melhoramentos, 2021

LIMA, Heloisa. Personagens negros: Um breve perfil na literatura infantojuvenil. In: Superando o Racismo na Escola. 2ª edição revisada- Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (org.). Meios de comunicação de massa. Trad. Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1972. p.151

NÓLIO, Lara. Contos de fadas:do imaginário às fronteiras da realidade.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PINTO, Ziraldo. O Menino Maluquinho. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, p.75, 2017.

SOUSA, L. O. de; BERNARDINO, A. D. a contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. Educere et Educare, [S. l.], v. 6, n. 12, 2011. DOI: 10.17648/educare.v6i12.4643. Disponível em: https://erevista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4643. Acesso em: 27 fev. 2024.

TRINIDAD, Cristina Teodoro. Diversidade étnico racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de estudos das relações de trabalho e desigualdade - CEERT, cap.2, p. 119-135, 2012.